

A ABORDAGEM DAS QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO COLABORATIVO*

Robson Machado Borges

robson.borges@unijui.edu.br

Andressa Laís dos Santos Riger

dessa.riger@gmail.com

Fernando Jaime González

fjg@unijui.edu.br

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)

RESUMO

Procurou-se descrever as decorrências de um estudo colaborativo, entre uma acadêmica e uma professora de Educação Física, acerca da abordagem das questões de gênero na escola. Os resultados indicam que *as duas aprenderam com o processo, sendo que a docente não tinha interesse em abordar questões de gênero nas aulas. A partir do momento que ela sentiu-se confortável e desinibida em relação ao tema – principalmente após a leitura e discussão de textos – a professora percebeu a relevância da temática.*

PALAVRAS-CHAVE

Educação Física; Questões de gênero; Estudo colaborativo.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre questões de gênero é um tema extremamente importante numa sociedade desigual como é a brasileira. Mesmo com avanços nos últimos anos, mulheres e homens não têm os mesmos direitos. Como apontado no Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil (PNUD, 2017, p. 51),

[...] o sistema patriarcal tem produzido uma condição de subordinação e desvantagens das mulheres em relação aos homens. É por isso que, por meio do enfoque de gênero, são estimuladas estratégias de equidade de gênero, consistentes com a possibilidade de tratamentos diferenciados para corrigir desigualdades de partida e medidas não necessariamente iguais, porém que conduzem a igualdade em termos de direitos, benefícios, serviços, obrigações e oportunidades.

* O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Logo, a escola – enquanto instituição de caráter republicano e democrático no Brasil – é um espaço de abordagem dessa temática uma vez que ela é “[...] a ponte entre o espaço privado do lar (que diz respeito ao indivíduo e à sua preservação) e o espaço público da sociedade (o que pode ser visto, ouvido e debatido por todos, que diz respeito ao que é comum entre os homens)” (CARVALHO, 1996, p. 37).

Partindo do entendimento que as questões de gênero podem fazer parte dos temas transversais na escola, cabe aos diferentes componentes curriculares a tematização desse conteúdo. Particularmente, há mais de 20 anos, os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam as questões de gênero como algo necessário de ser abordado na Educação Física (EF) escolar (BRASIL, 1998). Como defende Goellner (2010), a EF deveria assegurar experiências que não expõem estereótipos de gênero e que reflitam sobre essa questão, pois é preciso privilegiar o respeito às marcas de gênero ou da orientação sexual de cada um.

Contudo, essa temática raramente é abordada na EF. Um fator principal para isso, é o despreparo dos professores. Como afirma Goellner (2009, p. 73-74), ao analisar atividades de esporte e lazer, os profissionais “[...] não estão suficientemente preparados, tanto para perceber a exclusão como para lidar com ela no sentido de fazê-la desaparecer”.

Uma possibilidade de enfrentar essa situação é por meio dos estudos colaborativos. Trata-se da “[...] ideia de duas ou mais pessoas estudarem coletivamente, visando à reflexão ou o aprendizado sobre uma questão específica” (BORGES, 2018, p. 39-40). Os estudos colaborativos têm o intuito de ampliar coletivamente os conhecimentos, oportunizando trocas de experiências por meio de diálogos, debates ou indagações.

Neste contexto, esta pesquisa tem como objetivo descrever as decorrências de um estudo colaborativo, entre uma acadêmica e uma professora de EF, acerca da abordagem das questões de gênero na escola.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir de uma abordagem qualitativa, esta pesquisa se caracteriza como uma investigação descritiva na perspectiva de um estudo colaborativo entre uma acadêmica e uma docente de EF acerca da abordagem das questões de gênero. Especificamente, nos meses de outubro e novembro de 2018, as duas personagens citadas realizaram seis encontros de estudos de forma colaborativa. Cada encontro teve duração aproximada de uma hora.

Na época do estudo, a acadêmica tinha 23 anos de idade e estava no último semestre da formação inicial em EF – Licenciatura. A professora, com 41 anos de idade, concluiu a graduação em EF em 1998 e possui mais de 20 anos de experiência na rede pública de ensino numa cidade do interior do Rio Grande do Sul¹.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em função do limite na extensão do texto, optamos por apresentar nos resultados somente a análise da participação da professora na pesquisa, não mencionando a perspectiva da acadêmica. Para tanto, pautamo-nos pela lógica da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Esse processo permitiu chegar em quatro categorias², sendo elas: a) *Do “não me chama a atenção” para o “considero importante”: o surgimento do interesse pelas questões de gênero*; b) *“Como eu lido com isso?”: o desconhecimento sobre as questões de gênero*; c) *“Ver de uma maneira diferente”: a desconstrução de pré-conceitos e a desmistificação de estereótipos*; d) *“Época tumultuada”: a influência do período do estudo nos processos da pesquisa*.

Ao analisar a primeira categoria, identificamos que a professora não percebia a necessidade de abordar questões de gênero em suas aulas e não tinha interesse no tema. Eis uma fala no primeiro encontro que evidencia isso: *“Sempre deixei claro que não era um tema que me chamava atenção”*. Segundo a docente ela



¹ A professora recebeu o nome fictício de Mia.

² Para isso, utilizamos metáforas no sentido de figuras de linguagem por meio de comparações implícitas com trechos das falas da professora durante o estudo.



nunca se percebeu hábil para abordar o tema, pois sentia-se insegura como mencionou na entrevista: *“Não me sinto apta para trabalhar pela insegurança”*. Além disso, a docente não reconhecia a importância deste assunto para as aulas de EF escolar.

Com o decorrer dos encontros de estudos, esse entendimento foi mudando de modo que Mia percebeu relevância no estudo. Conforme manifestou a educadora no quinto encontro: *“Devagarinho nós vamos mudando”*. Inclusive, ela reconheceu a importância da abordagem nas aulas de EF, quando falou na entrevista final: *“Julgo um tema necessário de trabalhar”*.

Interpretamos que o motivo para essa mudança e o despertar do interesse de Mia, ocorreu a partir do momento no qual ela sentiu-se confortável e desinibida em relação às questões de gênero. Particularmente, dois momentos foram importantes. Um deles foi a leitura de textos sobre essa temática, como a professora relatou na entrevista: *“Fiz a leitura dos textos, ali eu me senti mais empoderada, mais por dentro do assunto”*. Assim, percebe-se a importância da leitura de textos específicos sobre questões de gênero. O outro momento, refere-se às discussões após a leitura dos textos. Como explanou a professora: *“A grande diferença foi nas nossas falas, discussões, com teu poder de argumentação”*.

Nesse processo, a professora entende que os estudos foram importantes. Contudo, ela menciona que sentiu falta da parte prática, sendo importante estudar para além de momentos teóricos. Esse dado reforça o resultado encontrado por Borges (2018) num estudo colaborativo, quando o autor aponta que o desafio de tentar realizar nas aulas com seus alunos, os conteúdos que o grupo havia estudado – até o encontro de estudos do próximo mês – foi considerado como algo que possibilitava a constituição de novos saberes pelos professores.

Na segunda categoria, observamos um certo desconhecimento da professora acerca das questões de gênero. Mia manifestou que não se sentia preparada para trabalhar com o tema, como consta no questionário *“Preciso de mais estudo, suporte teórico e também uma ajudinha”*. Segundo a docente, o principal motivo para isso está relacionado ao fato de sua formação inicial não ter proporcionado embasamento sobre estudos de gênero. Conforme deixou evidente, respectivamente, no segundo encontro e na entrevista final: *“Não somos preparados na graduação para trabalhar com estes temas”*; *“Na época nem se falava disso”*.

Esse achado indica a necessidade de as instituições de ensino superior que formam professores tematizarem as questões de gênero durante a formação inicial. Segundo Brauner (2018, p. 131), existe a *“ausência destes temas nos currículos das faculdades de Educação Física [...] isto leva a pensar que, abordar o assunto, tem ficado por conta do interesse dos professores em incluí-lo (ou não) no conteúdo do semestre”*.

Analisando a terceira categoria, notamos uma evolução na compreensão da docente acerca do tema gênero, como se percebe na fala: *“[...] desconstruindo na gente algumas coisas que já estão aplicadas, a gente consegue ver de uma forma diferente, não é porque ele está dançando lá, que ele não se identifica com nenhum esporte, ele não deixa de ser um menino [...]”*. Inclusive, a própria Mia reconhece sua mudança. Eis um trecho que ela mencionou na entrevista: *“Acho que já mudei bastante o meu pensamento em relação a isso”*. Nesse sentido, Darido (2012, p. 82) aponta que *“é necessário que o próprio profissional reflita se, em sua própria prática, está ou não valorizando ou realizando atitudes discriminatórias, muitas vezes, tão sutis e não percebidas por ele mesmo, mas que influenciam seus alunos”*.

Pontualmente, a professora tinha dificuldade em aceitar que os alunos são sujeitos plurais, à medida que tentava *“enquadrar”* os discentes em determinados estereótipos na lógica do senso comum. Como falou no primeiro encontro: *“Mas e por quê? Por que meninas fazem coisas de meninos? Meninos usam isso? Estou em construção sobre disso”*. Como afirma Goellner (2010, p. 76), *“os sujeitos são homens e mulheres plurais, porque são de diferentes etnias, classes sociais, religiões, idade etc.”*, e é preciso ter clareza disso. Com o desenvolvimento do estudo, a docente passou a ter um cuidado com os julgamentos, conforme citou: *“Eu não posso ter um tratamento diferente com eles [...] o que pode mudar é a maneira que eu vou estar olhando isso”*.



Com uma visão diferente em relação ao início do estudo colaborativo, a professora considera importante trabalhar as questões de gênero na EF. No entanto, ela acredita ser um tema polêmico, não sentindo-se segura a trabalhar sozinha, conforme se nota nesse trecho da entrevista: *“O caminho foi mostrado, mas não me sinto apta a trabalhar sozinha”*.

Ao analisar a quarta categoria, mencionamos o período no qual a formação foi realizada por entender que teve influência no desenvolvimento da pesquisa. Por se tratar de um período de final do ano letivo, havendo muitas atividades na escola em que atua, a professora argumentou que tinha pouco tempo para às leituras e para participação no estudo. Como Mia mencionou na entrevista: *“Gostaria de ter mais tempo para isso”; “Eu não dediquei o meu tempo para isso [...] eu fico devendo, mas tudo em função dessa época que já estamos cansadas e cheias de coisas”*. Segundo a educadora, se houvesse mais tempo, mais horários para se dedicar, possivelmente usaria para o estudo. Esse dado, talvez seja importante de ser considerado por pesquisadores que se propõem a realizar estudos colaborativos com professores. Assim, seria interessante evitar períodos próximos ao final de ano, como foi o caso desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a realização do estudo colaborativo foi um acontecimento importante na vida profissional da docente participante, uma vez que possibilitou um movimento conceitual sobre a abordagem das questões de gênero nas aulas de EF. Inicialmente, a professora não demonstrava interesse na tematização das questões de gênero na EF escolar. O motivo para isso, passava pelo desconhecimento sobre a temática ocasionado pela ausência do contato com o assunto durante sua formação inicial.

Com o desenvolvimento do estudo, a docente mudou sua compreensão passando a ter interesse e reconhecendo a importância de abordar o tema nas aulas de EF, por mais que ainda não se perceba segura para fazer isso sozinha. Ademais, a docente passou a analisar questões de gênero numa ótica para além do senso comum, reconhecendo a diversidade dos “modos de ser” dos alunos. Pontualmente, as leituras de textos sobre questões de gênero e os debates posteriores foram os principais motivos da mudança na forma de compreender essa temática.

Numa pesquisa futura, pretendemos convidar a professora participante desta pesquisa para planejarmos e desenvolvermos unidades didáticas e planos de aulas sobre questões de gênero nas suas aulas de EF escolar.



THE APPROACH TO GENDER ISSUES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: A COLLABORATIVE STUDY

ABSTRACT

We attempted to describe the consequences of a collaborative study between an academic and a Physical Education teacher about the approach to gender issues in school. The results indicate that both of them learned from the process, and the teacher had no interest in addressing gender issues in class. *From the moment she felt comfortable and uninhibited about the subject - especially after reading and discussing texts - the teacher realized the relevance of the subject.*

KEYWORDS: *Physical Education; Gender issues; Collaborative study.*

EL ENFOQUE DE LAS CUESTIONES DE GÉNERO EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: UN ESTUDIO COLABORATIVO

RESUMEN

Se buscó describir las consecuencias de un estudio colaborativo, entre una académica y una profesora de Educación Física, acerca del abordaje de las cuestiones de género en la escuela. Los resultados indican que las dos aprendieron con el proceso, siendo que la docente no tenía interés en abordar cuestiones de género en las clases. *A partir del momento en que ella se sintió cómoda y desinhibida en relación al tema - principalmente después de la lectura y discusión de textos - la profesora percibió la relevancia de la temática.*

PALABRAS CLAVES: *Educación Física; Cuestiones de género; Estudio colaborativo.*

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 3ª ed. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BORGES, R. M. *Estudar com professores: a formação continuada e o processo de mudança de concepção de ensino na Educação Física escolar*. 2018. 261 f. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, RS, 2018.
- BRASIL. República Federativa do. *Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRAUNER, V. L. P. Gênero, sexualidade e formação de professores: quo vadis? In: *Conexões: educação física, esporte e saúde*. Campinas, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 125-134, abr./jun. 2018.
- CARVALHO, J. S. F. Algumas reflexões sobre o papel da escola de 2º grau. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo: suplemento 2, 1996, p. 36-39.
- DARIDO, S. C. Temas transversais e a educação física escolar. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. *Caderno de formação: formação de professores didática geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 76-89, v. 16.
- GOELLNER, S. V. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. In: BÁSSOLI, A. B. O.; PERIM, G. P. (Org.). *Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo tempo: da reflexão à prática*. Maringá: Eduem, 2009, p. 73-88.
- GOELLNER, S. V. A Educação dos Corpos, dos Gêneros e das Sexualidades e o reconhecimento da Diversidade. *Caderno de formação RBCE* - v. 1, nº2, p. 71- 83. Campinas: CBCE e Autores Associados, março, 2010.

